



Revista do Corpo Discente do Programa
de Pós-Graduação em História da UFRGS

REFLEXÕES SOBRE O DESEJO E A IDEOLOGIA NA MISOGINIA MEDIEVAL

Janaína Nazzari Gomes¹

Resumo: O presente artigo propõe reflexões sobre o papel do desejo e da ideologia na misoginia medieval veiculados na novela *A Demanda do Santo Graal*, texto de caráter panfletário, feito a partir da cristianização de textos pagãos sobre a matéria da Bretanha. Através da análise de dois capítulos em especial, contata-se a misoginia como um sistema ideológico mas, principalmente, como um mecanismo de defesa dos homens contra o desejo pelo feminino.

Palavras-chave: Misoginia. Desejo. Erotismo. Igreja.

A misoginia – ou a recusa ao feminino – não foi uma invenção da Igreja Medieval, mas uma apropriação de idéias e modos de ser que já circulavam no mundo antigo.² Enquanto a mulher exercia, junto ao homem, atividades das quais dependia a sobrevivência de uma comunidade, seu *status* social era equivalente ao masculino. Uma vez, porém, que as sociedades tornaram-se sedentárias, aperfeiçoaram a agricultura e os meios de proteção contra invasores, a figura masculina passou a ser determinante na vida quotidiana e, por consequência, na hierarquia social. As sociedades antigas, tanto orientais, grosso modo Egito e Mesopotâmia, quanto as ocidentais posteriores, Grécia e Roma, foram herdeiras dessas sociedades dependentes do sexo masculino. Contudo, o que fora, a princípio, diferença entre gêneros, passou a ser utilizado ideologicamente por grupos dirigentes a fim de naturalizar o domínio do masculino sobre o feminino e, com isso, manter o *status quo*. Tratou-se, pois, de um projeto consciente no sentido de incrustar no imaginário popular a crença na inferioridade da mulher e do feminino. Na história ocidental, o momento em que este procedimento fica mais evidente é durante a Idade Média.

Tendo em vista essa consciente apropriação da misoginia pela Igreja no mundo medieval e o acúmulo cultural e ideológico que esse procedimento aporta à atualidade, torna-se relevante refletir, com base em textos da literatura de então, sobre o elemento misógino não somente como uma forma de dominação ideológica, mas como um mecanismo de defesa do homem contra o desejo.

O texto pelo qual é importante começar esse estudo é a Bíblia, que, aos não adeptos da religião Cristã, pode constituir-se como uma fonte literária e histórica, onde é possível ter acesso ao pensamento e a aspectos da época em que foi escrita. Além do que, a Bíblia foi e é o documento oficial da Igreja, através do qual a doutrina da Instituição é veiculada. Destarte, dar relevância a elementos bíblicos significa evidenciar, a partir do que a própria Igreja afirma, a misoginia, que, em textos literários, também estará presente, embora com sinuosidades, como veremos a seguir.

Na Bíblia, há, no mínimo, três elementos essenciais que prescrevem a forma de pensar cristã sobre o gênero feminino, quais sejam, o modo como o deus cristão criou a mulher e as figuras de Eva e de Maria.

Sobre o primeiro deles, a criação do homem e da mulher, o texto bíblico diz “então Iahweh fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, Iahweh modelou uma mulher e a trouxe ao homem”. (Gn. 2, 21-22). A partir desta passagem, tem-se o primeiro delineamento do feminino: o homem descendeu diretamente de Deus – um ser divino –, enquanto a mulher descendera da costela do homem – um ser carnal e, portanto, mais próximo do que é terreno, sensório e corporal, sendo, portanto, mais suscetível ao pecado.

O segundo elemento doutrinário está relacionado a Eva e ao fruto proibido. Segundo a Bíblia, “a mulher [viu] que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos [...]; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela”. (Gn. 3, 6). No trecho, além de explicitar a incapacidade de Eva de resistir à tentação, a mulher ainda é responsável por induzir Adão a comer do fruto proibido, do que resultou a expulsão do paraíso e o estabelecimento do pecado original, do qual, segundo a Igreja, todos nascem portadores. O texto contém, ainda, a insinuação do pecado da gula e da luxúria cometidos por Eva, ao indicar sua vontade de comer e seu encantamento pela árvore, respectivamente.

O terceiro e último elemento bíblico de importância para este trabalho é a figura da Virgem Maria, mãe virgem de Cristo, redentora dos pecados do mundo. A Virgem

figura como um elemento feminino de oposição a Eva: enquanto sobre essa é proposta uma essência pecaminosa, aquela recebe o Espírito Santo e é “coberta pela virtude do Altíssimo”. (Lc. 1, 35). Além de conter, segundo Richard Tarnas (2001, p.184), “virtudes tão características do *ethos* cristão – pureza, castidade, ternura, modéstia, simplicidade, meiguice, bem-aventurança imaculada, beleza inferior, inocência moral, devoção altruísta, entrega à vontade divina”, o que faz d'A Virgem Maria um ser inigualável, no sentido em que é a única mulher da ideologia cristã que não é essencialmente pecadora e cujo corpo não é veículo do pecado.

A partir desses episódios bíblicos, pode-se ver sistematicamente a aplicação do pensamento misógino: ou a mulher está em condição de inferioridade em relação ao homem ou é um ser tão superior – da ordem do extraordinário –, que não há outro semelhante. Entretanto, se, com a Bíblia e com o cristianismo primitivo dos ascetas dos desertos do Egito e da Síria temos a própria voz da Igreja, há, pelo menos um texto literário que também porta essa concepção misógina preconizada pela instituição eclesiástica. Trata-se da novela de cavalaria intitulada *A Demanda do Santo Graal*, uma tradução/recriação portuguesa da novela francesa *La queste del Saint Graal*; essa, por sua vez, uma cristianização do ciclo arthuriano, que circulava tanto de forma escrita quanto oralmente, fato determinante para que a Igreja tenha apropriado-se do texto para torná-lo um veículo de difusão da fé cristã e, por consequência, da misoginia.

A fim de ilustrar tal afirmação, será destacado, primeiramente, o capítulo XV d'*A Demanda do Santo Graal* (DSG), em que os cavaleiros Galaaz e Boorz, cavalcando sem destino, chegam ao castelo do rei Brutos, que os convida a pernoitar na sua morada. O foco do episódio é a filha desse rei, “a mais formosa donzela do reino de Logres” (DSG, p.97), que se apaixona por Galaaz e passa a desejá-lo sem hesitar: “assim amou a donzela Galaaz, mas nunca o vira nem soubera que cousa era amor; [...] e por isso lhe parecia que, se o não tivesse à sua vontade, morreria” (DSG, p.97). Embora ciente da não-reciprocidade de seu amor, a donzela, à noite, “saiu de seu leito em trajes de dormir, [...], foi a Galaaz, ergueu o cobertor e deitou-se ao lado dele”. (DSG, p.99). Essa aproximação de corpos, à noite, deixa a cena plena de erotismo, já que para que esse seja vivido, aqueles são fundamentais, isto é, o corpo, mais que o sentimento, é o elemento fundamental do erotismo. (PAZ, 1994). Dando-se conta da gravidade de sua ação e, também, que Galaaz vestia uma estamenha e era, portanto, um cavaleiro devoto, a moça lamenta-se e, no lamento, lembra-o. Esse, ao dar-se conta do que acontecia, bravejou: “Ai, donzela! Quem vos mandou aqui certamente mau conselho vos deu; [...]

mais devo recear perigo de minha alma do que fazer vossa vontade”. (DSG, p.100). Em resposta, a donzela ameaçou matar-se e responsabilizou o cavaleiro por seu ato dizendo “e tereis por isso maior pecado do que se me tivésseis convosco, porque sois a razão da minha morte”. (DSG, p.101). Ao ouvir tal ameaça, o cavaleiro cedeu e, com a condição de que a donzela não se matasse, ele a teria em seus braços.

Neste trecho, o feminino é caracterizado a partir de um campo lexical pejorativo, onde é evidenciado o egoísmo da donzela, a irracionalidade e a irresponsabilidade com que ela age, e, inclusive, a concupiscência, evidente quando a donzela ousa deitar-se ao lado de Galaaz. No que tange aos valores cristãos, estão veiculados e relacionados à mulher três pecados capitais, quais sejam a luxúria, o orgulho e a raiva. E completamente oposto é o delineamento do caráter de Galaaz, que permanece irredutível à investida da donzela, mesmo tratando-se da mais bela moça do reino. Contudo, diante da possibilidade do seu suicídio, o cavaleiro aceita renunciar aos preceitos cristãos, numa suposta magnanimidade e racionalidade. Evidencia-se, pois, a tentativa de elevar o caráter correto e tenaz do homem frente a um espírito descontrolado e irracional que quer induzir, como Eva, o homem ao pecado.

A partir dessas reflexões, cabe, agora, pensar a aversão ao feminino não só como um instrumento ideológico mas, também, como um mecanismo de defesa de cada homem individualmente contra o desejo. E, nesse sentido, o capítulo XXXVIII, *A tentação de Persival*, é um exemplo bastante arquetípico, pois aborda com clareza a concepção de que a mulher e seu corpo são o veículo do pecado. Eis que o protagonista, Persival, depara-se com uma “tenda [...] mui formosa e rica” (DSG, p.211) dentro da qual estava uma donzela, que dormia e que “era tão formosa, que [...] pareceu [a Persival] mais formosa que a rainha Genevra e que a rainha Isolda, e que a formosa filha do rei Peles; [...] lhe pareceu que desde que o mundo foi feito, não houve mulher tão formosa” (DSG, p.211). Essa admiração intensifica-se à medida que o cavaleiro contempla a donzela, até que essa acorda-se e passa a lhe contar sua história. Finalmente, Persival, tomado pela paixão, “demandou a donzela de amores e disse que, se quisesse ser sua amiga, a tomaria por mulher e a faria ser rainha de terra muito rica e boa” (DSG, p.212). Do ponto de vista cristão, esse clímax amoroso é o pecado da carne em potencial, posto que Persival está completamente embevecido pela beleza da mulher. E, ainda que em determinado momento, Persival tenha feito a ressalva doutrinária de que “nada [era] comparada com aquela Virgem que foi virgem e mãe e Rainha das rainhas” (DSG, p.211), o trecho está repleto de erotismo e de sensualidade,

evidenciando o corpo e a beleza da donzela, e instigando, assim, os sentidos, próprios a qualquer homem. E muito embora a presença desses elementos eróticos seja contraditória, se se levar em conta – e deve ser levado! – o caráter cristão-dogmático d'A *Demanda do Santo Graal*, a inserção de tais elementos subversivos em um texto cristianizado é justificada já que há congruência com os desejos sexuais que homens e mulheres sentem.

Uma vez abordando a sexualidade, é importante estabelecer algumas reflexões acerca do sentido que o corpo assumia no Medievo, já que ele portava a “função de matriz de uma boa parte do imaginário teológico, político e ético” (SILVÉRIO, 2002, p.226) da Idade Média. A tradição ascética de penitência corporal pode ser o elemento desencadeador da relação corpo/pecado, mas é com a ligação ao feminino que o corpo torna-se merecedor de ainda maior desprezo. Sobre esse processo de associação ao feminino, Howard Bloch (1995, p.17) afirma:

encontramos nos escritos dos primeiros Padres da Igreja: (1) uma feminização da carne, ou seja, [...] a associação do homem com *mens* ou *ratio* e da mulher com o corporal; (2) a estetização da feminilidade, ou seja, a associação da mulher com [...] o decorativo [...]; (3) a teologização da estética, ou a condenação em termos ontológicos não só da esfera da simulação ou das representações, [...] mas também de praticamente tudo o que é prazeroso ligado à corporificação material.

Tais colocações explicam a continuidade da narrativa, que mostra a necessidade, do ponto de vista cristão, da punição ao desejo da carne e, do ponto de vista masculino, da negação do feminino frente à impossibilidade de alcançar este desejo: quando Persival estava prestes a consumir o pecado carnal, “vem do céu um tão grande ruído como se fosse trovão, [...], como se movesse a terra, [...] e [...] uma voz que dizia: ‘Ai, Persival, como há aqui tão mau conselho! Deixas toda alegria por toda tristeza, donde te virá todo pesar e toda má ventura.’” (DSG, p.212-213) E a narrativa segue com a transformação da donzela em um “demo tão feio e espantoso, que não há no mundo ninguém tão valente que o visse, que não houvesse de ter grande medo”. (DSG, p.213).

Dessa forma, pois, o cavaleiro Persival, enquanto homem, e a Igreja, enquanto sistema ideológico, repeliram o desejo através da recusa à mulher que o representa. O mesmo mecanismo está presente de forma oposta no episódio da filha do rei Brutos: Galaaz recebe a donzela com tamanha indiferença como se não fosse tocado por sua beleza ou sua feminilidade. Com tal procedimento, tenta-se tornar o cavaleiro

“assexuado” a fim de que a vontade da carne, nele, não tivesse procedência. Sobre isso, Bloch (1995, p.102) cita Katherine Rogers:

As razões subjacentes à tendência do homem a reagir contra sua própria paixão intensa remonta provavelmente ao desenvolvimento complexo da libido humana, como analisada por Freud. Ele mostrou que o sado-masiquismo, embora pareça ser a antítese do amor, é normal na vida erótica das crianças e pode persistir nos relacionamentos adultos.

A partir da afirmação de Katherine Rogers e dos textos lidos *d'A Demanda do Santo Graal*, é possível pensar que a relação decorrente da associação do corpo ao feminino é, no mínimo, um procedimento ambíguo, uma vez que, ora, a mulher era rechaçada por ser o desejo em si, ora, por ser o veículo do desejo e, por consequência, do pecado, como é o caso do episódio sobre Persival e sobre Galaaz, respectivamente. O que se percebe é que, enquanto no segundo caso, há um elemento ideológico e, portanto, genérico, no primeiro, está presente um elemento masculino e individual, que é uma espécie de transferência à figura feminina de um sentimento que tem origem no corpo e na mente do homem, o sujeito portador desse desejo, enquanto a mulher é o objeto. Uma vez que quaisquer vontades carnavais são condenadas pela Igreja, os homens devem esforçar-se para rechaçar seu desejo; não conseguindo, ou abafam-no, como o fez Galaaz, ou repelem a mulher, como o fez Persival.

Dado é que, não obstante a Igreja tenha tomado a sexualidade para si, essa manifestação humana estava presente na vida cotidiana medieval e não deveria deixar de ser matéria da literatura, já que essa encontra um dos seus fins n'a *representação das paixões*, como afirma Octávio Paz (1994, p.93). O caráter panfletário dos textos literários aqui trabalhados permite, primeiramente, constatar a maneira através da qual estruturava-se a sociedade misógina medieval, mas, principalmente, remete a uma reflexão sobre o desdobramento da misoginia no humano e naquilo que o constitui, dentre o quê, o erotismo e a poesia, isto é, “sexualidade transfigurada: metáfora, fruto d'a imaginação que move o ato erótico e o poético” (PAZ, 1994, p.12).

Le désir et l'idéologie au sein de la misogynie médiévale

Resumé: Cet article propose des réflexions concernant le rôle du désir e de l'idéologie dans la misogynie médiévale diffusés dans le roman *A Demanda do Santo Graal*, un texte christianisé à partir de textes portant sur la Matière de Bretagne. À travers l'analyse de deux chapitres, on examine la misogynie comme une idéologie et aussi comme un mécanisme de défense des hommes contre le désir de tout ce qui est féminin.

Mots-clés: Misogynie. Désir. Érotisme. Église Chrétienne.

¹ Janaína Nazzari Gomes é graduanda do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O presente trabalho é orientado pela Professora Doutora Elisabete Peiruque, docente do departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras. Contato via janninadobrze@gmail.com.

² Sobre a frequente asserção de que a misoginia é fruto do Medievo, Howard Bloch (1995, p.14-15) ressalva: “Se o título Misoginia Medieval parece redundante é porque o tópico da misoginia, como a clava ou o cinto de castidade, compartilha um horror vestigial praticamente sinônimo da Idade Média, e por que uma das suposições que governam nossa percepção do cristianismo primitivo e do período medieval é a presença virulenta do antifeminismo”.

Referências:

A DEMANDA DO SANTO GRAAL. manuscrito do século XIII. texto aos cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T.A. Queiroz/EdUSP, 1988.

BLOCH, Howard. A misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

PAZ, Octávio. *A dupla chama*. São Paulo: Siciliano, 1994.

SILVÉRIO, Carla Alexandra S. As imagens do corpo e as representações da sociedade medieval n'A Demanda do Santo Graal. In: NEVES, Leonor; MADUREIRA, Margarida; AMADO, Teresa. *Matéria da Bretanha em Portugal*. Lisboa: Ed. Colibri, 2002.

TARNAS, Richard. *A epopéia do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.